



Um estudo geossociolinguístico de *gambá* no APFB e no Projeto ALiB

Ageosociolinguistic gambá study at APFB and ALiB Project

Thais Dultra Pereira*
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Jacyra Andrade Mota**
Universidade Federal da Bahia
Salvador, Bahia, Brasil

Resumo: Do confronto com os dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) (ROSSI, 1963) e do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, chegou-se ao tema da tese (em andamento) "A fauna na Bahia: do APFB ao ALiB", que analisa os *corpora* dessas pesquisas. O presente trabalho tem como objetivo principal a identificação das peculiaridades para a questão *peessoa com mau cheiro – gambá* (Carta 141-APFB / QSL 71-ALiB) (COMITÊ NACIONAL...2001) nos *corpora*. Os dados analisados procuram refletir o cenário linguístico e cultural das nove cidades baianas coincidentes nos documentos consultados. Acredita-se que a descrição semântico-lexical da fauna baiana aqui presentes permitirão o fornecimento de subsídios para o conhecimento do Português do Brasil, além da possibilidade de investigações de fenômenos culturais a partir dos dados linguísticos.

Palavras-chave: Dialectologia. Geossociolinguística. Léxico; APFB. Projeto ALiB.

Abstract: From the *Atlas Prévios dos Falares Baianos* (APFB) (ROSSI, 1963) data and the Linguistic Atlas of Brazil Project confrontation's, we came to the thesis' theme (in progress) "The fauna in Bahia: from APFB to ALiB", which analyzes these important Brazilian atlases *corpora*. The present work has as main objective peculiarities identification *the smelly person* question - *opossum* (Letter 141-APFB / QSL 71-ALiB) (COMITÊ NACIONAL...2001) in the *corpora*. The data analyzed seeks to reflect the nine cities scenario linguistic and cultural in Bahia of that coincided in the consulted documents. It is believed that the semantic-lexical description of Bahian fauna will allow for the Brazilian Portuguese knowledge the subsidies provision, in addition the investigating cultural phenomena possibility, based on linguistic data.

Keywords: Dialectology. Geosociolinguistics. Lexicon. APFB. ALiB Project.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: thaisiribinha@hotmail.com.

** Professora Associada II da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC), Salvador, Bahia, Brasil. Bolsista de Produtividade em pesquisa do CNPq. E-mail: jacymota@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Estudar a linguagem humana em suas mais variadas formas de manifestação é tarefa indispensável aos que desejam conhecer não apenas como se dá a comunicação entre os indivíduos, mas também aos que se interessam por desvendar os hábitos, cultura, costumes e comportamentos sociais. Ao seguir na direção dos estudos da linguagem, percebe-se que conhecer a língua pode ser um profícuo caminho, pois é na (e pela) linguagem que se tem acesso ao que é mais caro aos indivíduos: a vida em sociedade. Assim, aos linguistas interessa, sobretudo, investigar os usos da língua, suas nuances, características, bem como explicar os mecanismos diversos a que estão sujeitas a comunicação e as relações entre os indivíduos.

Ao se estudarem fenômenos linguísticos, há que se considerar uma relação intrínseca desta com os fatos sociais. Há que se reconhecer, assim, a importância dos estudos dialetais, pois pesquisas que envolvem as variantes linguísticas, em todas as suas vertentes – diatópicas, diageracionais, diassexuais e diastráticas – são relevantes a todos que se interessem pela cultura de um povo, uma vez que é através da língua – e, no estudo em questão, do léxico – que aspectos inerentes a cada comunidade são mantidos e, também, passados de geração a geração.

Diante da necessidade de se estudar a variação linguística nas suas mais diversas formas de manifestação, e após o levantamento das teorias que possam nortear a pesquisa dialetal, surgiram questionamentos sobre a fauna na Bahia, no que diz respeito aos aspectos semântico-lexicais, a respeito da possibilidade de, a partir do levantamento de dados nas regiões selecionadas, traçar isoglossas e mapear os aspectos semântico-lexicais da fauna baiana; de compreender de que maneira os fatores extralinguísticos (sexo e faixa etária) estariam refletidos nos recortes dos *corpora* (APFB e Projeto ALiB), e ainda, investigar, nas comunidades estudadas, e através desse confronto, a existência de vocábulos em vias de desaparecimento ou em processo de mudança linguística.

O tema deste artigo, que é parte da tese de doutorado, à luz da Dialetoлогия Pluridimensional, analisa o léxico da fauna na Bahia nos dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos-APFB* (ROSSI, 1963), primeiro atlas publicado no Brasil, em 1963, e nos dados inéditos do Projeto ALiB (Questionário Semântico-Lexical – QSL) (COMITÊ NACIONAL..., 2001), no que diz respeito às cidades do interior, através do confronto com as localidades coincidentes nos *corpora*, mais especificamente a produtividade da questão *peessoa com mau cheiro – gambá* (Carta 141-APFB e *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado* (QSL 71-ALiB).

Vale destacar que a questão relativa a *gambá* apresenta características específicas para cada uma das fontes pesquisadas. No APFB, o objetivo da questão 56, que originou a carta 141, era investigar possíveis respostas para “peessoa com mau cheiro”. No QSL do ALiB, a questão 71, “bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado”, abordou sobretudo características referentes a bicho ou animal. Percebe-se que o Projeto ALiB tinha como cerne nesta pergunta investigar designações para “bicho”, ao passo que o APFB enfatiza o interesse em desvendar lexias para a “peessoa”. Dessa forma, embora os

atlas apresentem aspectos semânticos divergentes, se considerou relevante analisar as questões.

Consistem, assim, em principais objetivos desta pesquisa: i) identificar as peculiaridades semântico-lexicais para *gambá*; ii) verificar a influência de fatores extralinguísticos; e iii) identificar as diferenças e/ou semelhanças lexicais sob o viés da Geossociolinguística.

2 CAMINHOS DA DIALETOLOGIA E DA GEOGRAFIA LINGUÍSTICA

Estudar e analisar a variação linguística consistem em ações que fornecem informações várias e que transpassam os limites da comunicação, permitindo, sobretudo, conhecer o modo de vida, a cultura, a história de um indivíduo, de uma comunidade, de um povo, de uma nação, já que a língua é um importante instrumento de conservação e de registro histórico e cultural de um povo. Nesse sentido, ao se debruçar sobre esses fenômenos, a Dialetoлогия, associada a outras ciências, por possuir um caráter interdisciplinar em sua gênese, torna-se fundamental.

Enquanto ciência que estuda os fenômenos da linguagem, sob o olhar da variação linguística, à Dialetoлогия cabe assumir a sistematização dos fatos de uma língua, possibilitando a comprovação e o registro da heterogeneidade da língua a partir de duas perspectivas: seja pelo rastreamento e mapeamento espacial da variação de um traço qualquer da língua, seja pela observação das peculiaridades linguísticas de um território para a delimitação de uma ou várias zonas dialetais. É através dessa ciência, que abrange também aspectos sociais, que os estudos da variação linguística podem ser identificados e delineados, permitindo a observação e análise dos diferentes usos e formas de diversificação linguísticas, de acordo com a sua distribuição espacial e sociocultural.

Para a Dialetoлогия, interessa investigar as diferenças ou semelhanças entre toda e qualquer manifestação linguística, em qualquer que seja o espaço geográfico, desde que este seja passível de documentação e análise, e que este espaço seja delimitado a partir de princípios metodológicos. Segundo Cardoso (2010), a Dialetoлогия tem dois caminhos, ao que chamou de diretrizes, na investigação do fenômeno linguístico, que podem ser constatados através dos estudos dialetais: uma é a perspectiva diatópica, focada nas características regionais, nas peculiaridades e diferenças geográficas de cada comunidade; e o outro, o viés sociolinguístico.

Para a autora, fazer um exame cuidadoso do que se vê na teoria e como essa teoria é percebida na prática, quanto a essas duas formas de tratar os fatos de natureza dialetal, é um objetivo precípuo da Dialetoлогия, ao examinar “[...] como a tradição e a modernidade têm respondido a esse enlace de perspectivas no campo da geografia linguística”. (CARDOSO, 2010, p. 26).

Ao realizarmos pesquisas dialetais, lançamos mão de aparato teórico, delimitação do *corpus* do tema escolhido e uso de uma metodologia adequada, entre outros fatores indispensáveis. Cabe, dessa forma, à Geografia Linguística possibilitar esse trabalho, uma vez que, enquanto importante método da Dialetoлогия, torna possível, com precisão científica, documentar os fenômenos de variação dialetal, a partir dos quais podem ser

construídos mapas e/ou atlas linguísticos – um dos instrumentos de documentação, mas não o único – que permitem investigação e leitura dos dados e imprimem gradativamente as diferenças e/ou semelhanças no estudo, a partir de uma metodologia comum a todas as regiões estudadas.

3 A BAHIA: ENTRE ATLAS, PROJETOS E MÉTODOS

Para melhor compreensão dos resultados encontrados, faz-se necessário delinear a metodologia adotada pelo APFB e pelo Projeto ALiB, uma vez que ambos possuem peculiaridades, semelhanças e diferenças.

3.1 PRIMEIROS ESTUDOS: O APFB

O APFB recobre todo o Estado da Bahia, compondo uma rede de 50 localidades, distribuídas de acordo com suas características geográficas e culturais. Inquiriram-se, para a realização da pesquisa, 100 informantes, de ambos os sexos – 57 mulheres e 43 homens, de idades variando entre 25 e 60 anos, analfabetos ou semianalfabetos. O extrato de questionário, enquanto instrumento para coleta de dados, contém 182 perguntas, divididas nas áreas semânticas terra, vegetais, homens e animais.

Para fins de análise, selecionou-se a carta 141, que investiga as denominações para *pessoa com mau cheiro*, tendo registrado duas formas lexicais: *gambá* e *cangambá*. A carta apresenta a transcrição fonética das lexias, de acordo com os pontos de inquérito selecionados.

3.2 ESTUDOS ATUAIS: O PROJETO ALiB

A construção de um atlas de âmbito nacional no Brasil não foi tarefa simples, tampouco imediata. Começa com a contribuição dos pioneiros da Dialetoлогия no Brasil, ao darem o primeiro passo, antes, na ideia, e, por conseguinte, no incentivo a outros pesquisadores, tanto na elaboração do projeto, em 1996, até a sua concepção e primeiras publicações: Volume I - *Introdução* (CARDOSO *et al*, 2014a) e Volume II - *Cartas linguísticas I* (CARDOSO *et al*, 2014b).

No primeiro volume, constam os relatos da história de construção do *Atlas Linguístico do Brasil*, bem como a metodologia adotada – escolha da rede de pontos, elaboração dos questionários e seleção de informantes –, além da descrição dos métodos utilizados para a cartografia dos dados. No segundo volume, consta o resultado de quase duas décadas de pesquisa, no que se refere a 25 capitais brasileiras (excluindo Palmas e Brasília, por questões metodológicas). Esses resultados refletem os primeiros mapas linguísticos do ALiB, com registros de dados fonéticos, morfossintáticos e semântico-lexicais do objeto selecionado.

Para a construção do Atlas, foram realizados 1.100 inquéritos, entre os anos de 2001 a 2013, perfazendo um total de 277.851 quilômetros percorridos pelas equipes

regionais. Para isso, o Projeto construiu uma rede de pontos que engloba 250 localidades do Brasil, que vai do Oiapoque (ponto 1) ao Chuí (ponto 250).

Os informantes, quatro por localidade, nas cidades do interior e oito, nas capitais, distribuem-se igualmente por ambos os sexos, em cada localidade – 550 homens e 550 mulheres, de modo a garantir a equidade à pesquisa – possibilitando a análise da variação diasssexual. Para depreender a variação diageracional, foram divididos em duas faixas etárias: uma mais jovem, de 18 a 30 anos e uma mais velha, de 50 a 65 anos. Para possibilitar estudos de caráter diastrático, incluem-se, na capital do estado, dois níveis de escolaridade: Ensino Fundamental incompleto e nível universitário; no interior, apenas fundamental.

O questionário linguístico do ALiB possui três divisões, destinadas a observar os seguintes aspectos: (a) fonético-fonológicos – 159 perguntas, às quais se juntam 11 questões de prosódia; (b) semântico-lexicais – 202 perguntas; e (c) morfossintáticos – 49 perguntas. Acrescentam-se a esses aspectos quatro questões de pragmática, quatro temas para discursos semidirigidos (relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal), seis perguntas de metalinguagem e um texto para leitura — a Parábola dos sete vimes.

O Questionário Semântico-Lexical (QSL) contém 202 questões, distribuídas em 14 áreas semânticas. Destas, interessam aos estudos da tese, em andamento, as 25 que fazem parte da fauna, mais especificamente oito, coincidentes com as do APFB: pessoa com mau cheiro/ gambá, bicho da fruta, sanguessuga, galinha d'angola, galinha sem rabo, cabra sem chifres, cria da ovelha e rabo.

Para este artigo, selecionou-se a questão QSL 71: *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado* (COMITÊ NACIONAL..., 2001), conforme análise a seguir.

3 GAMBÁ DO PONTO DE VISTA DAS ANÁLISES

Figura 1 – Gambá com os filhotes na bolsa marsupial



Fonte: BORGES, Rodolfo. Gambá fêmea, com a bolsa marsupial cheia de filhotes. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Gamb%C3%A1#/media/File:Gamba-bolsa.jpg>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

Mamífero que vive desde o sul dos Estados Unidos até a América do Sul, um dos maiores marsupiais da família dos didelfídeos, o *gambá* possui cerca de 40 a 50 cm de comprimento, fora a cauda, que chega a medir até 40 cm. Onívoro, alimenta-se de praticamente tudo. São, muitas vezes, confundidos com o cangambá¹, por sua semelhança. Tem um corpo parecido com o rato, cauda peluda, escamosa na extremidade e preênsil – com capacidade de se enrolar. Suas patas são curtas, com cinco dedos em cada mão, e garras. Têm marsúpio (bolsa ventral) e sua cauda é menor que seu corpo.

Produzem um líquido fétido através das glândulas axilares, utilizado como defesa e também na fase do cio, quando a fêmea exala esse odor para atrair os machos. Outra estratégia para escapar dos perigos consiste em se fingir de morto até que o predador desista.

Das 50 localidades de inquérito do APFB e 22 do Projeto ALiB na Bahia, foram selecionadas nove localidades coincidentes, de acordo com a distribuição por pontos. Interessam à pesquisa as localidades de Barra, Caetité, Carinhanha, Itaberaba, Jacobina, Jeremoabo, Santa Cruz Cabrália, Santana, e Vitória da Conquista.

Quadro 1 – Seleção das nove localidades coincidentes no APFB e no Projeto ALiB, distribuídas por ponto de inquérito.

LOCALIDADE	APFB	Projeto ALiB
Barra	42	84
Caetité	35	95
Carinhanha	45	97
Itaberaba	29	90
Jacobina	27	86
Jeremoabo	13	82
Santa Cruz de Cabrália	9	101
Santana	44	92
Vitória da Conquista	24	98

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Para *gambá*, como respostas à questão 56, que deu origem à carta 141, do APFB, e QSL 71 do Projeto ALiB, foram encontradas as seguintes lexias: *gambá*, *cangambá*, *sariguê* e *saruê*, totalizando 46 ocorrências válidas.

Gambá é a lexia predominante nos *corpora*, registrando totalizando 41 ocorrências, 89,1% dos dados. Para *cangambá* e *saruê* tem-se duas ocorrências, 4,3%, da amostra, e por último, *sariguê*, com apenas uma ocorrência, 2,2%.

¹ Mamífero carnívoro, da família dos Mustelídeos, espécie *Mephitis mephitis*.

Tabela 1 – Número de ocorrências/ porcentagem para *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado nos corpora*.

APFB/QSL 71 ALiB		
Formas lexicais	Total absoluto	%
Gambá	41	89,1%
Cangambá	2	4,3%
Sariguê	1	2,2%
Saruê	2	4,3%
Total	46	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Registram-se ainda sete não-respostas somadas nos *corpora*. Considerou-se, para fins de análise, as ausências do tipo não sabe (NS), não lembra (NL) ou não foi obtida (NO) como não-respostas, o que equivale a 13,2% da amostra, distribuídas em quatro no APFB e três no Projeto ALiB.

Tabela 2 – Não-respostas conforme dados do *corpora*

APFB/QSL 71 ALiB		
Total de dados	53	86,8%
NS/NL/NO	7	13,2%
Total de ocorrências	46	100%

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

3.1 UM OLHAR SEMÂNTICO-LEXICAL PARA *GAMBÁ*

Gambá está registrada em sete obras consultadas: nos dicionários de língua portuguesa, Houaiss (2012), Ferreira (2004), Aulete (1970) e Moraes Silva (1949), e está presente também no *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Cunha (2010), no *Dicionário ilustrado de tupi guarani* (s/n) e no *Dicionário de sinônimos de Nascentes* (2011).

O levantamento em dicionários para *gambá* está demonstrado para lexias presentes na amostra, mas apenas quando se trata do *bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*, pois nenhuma das obras apresenta definição para *peessoa com mau cheiro*. As lexias registradas por cada autor como variante do animal são listadas, sendo descritas ou discutidas sempre que necessário.

Gambá, segundo Houaiss (2012), é a “[...] designação comum aos marsupiais do gênero *Didelphis*, os maiores da fam. dos didelfídeos, com três espécies, encontrados do sul do Canadá à Argentina, com até 50 cm de comprimento, cauda preênsil, longa e quase inteiramente nua, com a parte distal branca, pelagem cinza, preta ou avermelhada e fêmeas com marsúpio bem desenvolvido.”. De maneira geral, essa descrição está presente em

todas as obras pesquisadas, embora Houaiss (2012), na maioria das definições, seja mais detalhista.

Este dicionário apresenta também a etimologia detalhada para *gambá*. Apesar de a lexia dada ser de origem tupi, o autor considerou seu étimo como de origem controversa. Consta na entrada a definição de Antenor Nascentes² “do tupi *gã'bá*, ‘seio oco’”, e a de José Pedro Machado (*apud* HOUAISS, 2012): “do tupi *gua* ‘seio, ventre’ + *ambá* = *embá* ‘vazio.’” O autor menciona como variantes *cassaco*, *micurê*, *mucura*, *raposa*, *sariguê*, *sarigüicia*, *saruê*, *tacaca*, *taibu*, *ticaca* e *timbu*. Dessas, apenas *sariguê* e *saruê* estão presentes na amostra.

Ferreira (2004) e Aulete (2016) apresentam definições semelhantes. Ferreira (2004), no entanto, traz informações mais detalhadas quanto ao número de espécies e aos hábitos.

Morais Silva (1949), além da definição da lexia, descreve ainda detalhes da sua fisiologia, como “[...] possuem dez dedos em cada mão, duas línguas e, em lugar do ventre, uma bolsa igual à dos *gambás*, e que chamam ‘cofre forte’”.

Gambá também está registrado por Cunha (2010), mas sem mais detalhes, apenas de maneira geral, como sendo um nome comum a vários mamíferos marsupiais do gênero *Didelphis*, possivelmente de origem tupi, de “étimo obscuro”.

Cunha (2010), a respeito de *gambá*, além de trazer o conceito, seleciona diversos trechos históricos e literários com registros para a lexia, e também para as suas variantes. Nesses fragmentos, há descrições detalhadas do animal, tais como aspectos físicos e de seu comportamento.

Casal (*apud* HOUAIS, 2012), em 1817, na *Corografia Brasileira*, assim o descreve:

O *sarôbê*, ou *gambá*, (grifo nosso) he do tamanho dum gato mediano com forma de rato, de aspecto feio, e cheiro desagradável; pernas curtas, pés, e orelhas de rato; pêlo comprido, raro e macio; cauda comprida, afuzada, e sem pêlo; cabeça e focinho de porco; boca grande com dentes de cao.

Em obras literárias, há, em diversas passagens, descrições de personagens associados ao *gambá*, geralmente ao seu mau cheiro característico ou ao estado ébrio com que, supostamente, o animal chegaria com facilidade, como Aluísio de Azevedo, 1890, em “O Cortiço” (*apud* CUNHA, 1978): “muito bebedo, hein? – Como um *gambá!*”; Graça Aranha, em 1920, em “A Viagem Maravilhosa”: “Não. Eles estão, mas é bebados. *Gambás*... que fedor!”. E em 1946, em Sagarana, por Guimarães Rosa: “– Veio com o corno cheio... Está bêbedo que nem *gambá!*”.

De acordo com o *Dicionário de tupi guarani* (s/d), *gambá* significa espécies de mamíferos marsupiais, didelfídeos, placentários. Alguns sinônimos registrados na obra,

² Estão registradas em Houaiss (2012) as seguintes referências para Nascentes: NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1932. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. v. 2: nomes próprios. Rio de Janeiro: Acadêmica: F. Alves, 1952. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1966.

para *gambá*, são *sariguê* e *saruê*. Faz, ainda, remissão à *maritacaca* (*Conepatus chilensis amazônicas*).

Nascentes (2011) registra as formas *cassaco* (Nordeste), *gambá* (Rio e adjacências, Sul), *micuré* (Mato Grosso), *mucura* (Maranhão e Amazônia), *raposa* (São Paulo e Paraná), *sariguê*, *sarigueia* (Bahia), *saruê* (Bahia e Sergipe) e *timbu* (Nordeste) como “[...] nomes das nossas espécies de mamíferos marsupiais da família Didelphiidae, do gênero Didelphis”.

Cangambá está registrada em cinco obras analisadas: Houaiss (2012), Ferreira (2004), Aulete (2016) e Morais Silva (1949) e Nascentes (1966), que incluiu, para a lexia, sua etimologia.

Houaiss (2012) e Ferreira (2004) apresentam *cangambá* como sinônimo de *jaritacaca*. Embora não esteja presente na amostra, considerou-se relevante apresentar o conceito de *jaritacaca*, para fins de comparação com as demais entradas nas obras pesquisadas.

Jaritacaca, segundo Houaiss (2012), é um “[...] mamífero carnívoro da família dos mustelídeos (*Conepatus semistriatus*), encontrado do México ao norte do Peru e no leste do Brasil, especialmente em áreas não florestais; com cerca de 40 cm de comprimento, corpo e pelagem negros com a cauda e duas faixas dorsais brancas (esguicha um líquido fétido, secretado por glândulas anais, em atitude de defesa)”. O autor apresenta seu étimo: “[...] do tupi “*yagwara'taka ou *yarata'kaka; e variantes: jaguacacaca, jaguaritaca, jaratataca, jaratataca, jaraticaca, jaritacaca, jeratataca, jeritacaca, maratataca, maritacaca, maritafede, maritacaca, tacaca”.

Para Ferreira (2004), *jaritacaca* tem o mesmo significado apresentado em Houaiss (2012). O autor descreve algumas características relativas à sua distribuição no Brasil, tais como “amplamente distribuído no Norte”, além de anatomia do animal e comportamentos. Registra também as variantes jaguacacaca, jaguaritaca, jaratataca, jaritacaca, jeritacaca, iritacaca, maratataca, além dos sinônimos maritafede e *cangambá*.

A respeito de *jaritacaca*, encontraram-se em registros históricos de Fernão Cardim, na obra *Tratados da terra e gente do Brasil*, à época do Descobrimento, descrições detalhadas de diversas espécies. O autor descreve *biarataca* como um animal semelhante a um furão, com hábitos semelhantes aos do *cangambá* (CARDIM, 2009, p. 91-92).

Este animal é do tamanho de um gato, parece-se com furão, pelo lombo tem uma mancha branca, e outra parda, que lhe ficam em cruz muito bem feita; sustentam-se de pássaros, e seus ovos, e outras cousas, maxime de âmbar, e gosta tanto dele que toda a noite anda pelas praias a buscá-lo, e onde o há ele é o primeiro; é muito temido, não porque tenha dentes nem outra arma com que se defenda, mas dá certa ventosidade tão forte, e de tão ruim, que os paus, pedras, e quanto diante de si acha, penetra, e é tanto que alguns índios morrerão já de tal fedor; já cão que a ele se achega, não escapa, e dura este cheiro quinze, vinte, e mais dias, e é tal que se dá esta ventosidade junto de alguma aldeia logo se despovoa para não serem sentidos, cavam no chão, e dentro dão a ventosidade, e a cobrem com a terra; e quando os acham para não serem tomados, sua defesa é disparar aquela ventosidade.

Em nota, a pesquisadora Ana Maria Azevedo, responsável pela transcrição, tradução e notas da versão publicada em 2009, traz as seguintes informações (CARDIM *apud* AZEVEDO, 2009, p. 92):

Biarataca, jaritataca, jaraticaca ou maritataca é um mamífero marsupial carnívoro da família dos Mustelídeos (*Conepatus suffocans*, Azara), também chamado de “gambá”, “cangambá” ou “zorrilho”. O nome deve-se ao fato de este animal produzir uma secreção anal que expele para defender-se, de tal sorte nauseabunda, que afugenta os perseguidores. Segundo os naturalistas, a substância que dá à secreção o repelente cheiro é o sulfato de etila, mais conhecido pelo nome de mercaptan, e quando são muito repetidas formam vapores esverdeados.

Tais descrições são condizentes com os verbetes dispostos em Houaiss (2012) e Ferreira (2004) para *jaritataca*, mustelídeo da família *Conepatus*, o que nos leva a crer que são animais de espécies semelhantes.

Ainda sobre *cangambá*, Ferreira (2004), diferentemente de Houaiss (2012), o inclui em sua lista de sinônimos. Aulete (2016), por outro lado, apresenta o significado de *cangambá* sem remeter à *jaritataca*, embora o considere sinônimo, como os outros. Informa, de maneira geral, a espécie e a família, além de aspectos anatômicos. Acrescenta, acerca desta espécie, o fato de “por vezes [ser] confundido com o gambá”.

Para Morais Silva (1949), *cangambá* é “[...] pequeno quadrúpede mamífero do Brasil, da ordem dos carniceiros (*Conepactus chilensis* e *Conepactus suffocans*, Azara), também chamado maritataca, maritata-fede, gambá e sorrilho”. O autor registra como sinônimo a forma gambá. Sobre essa espécie, acrescenta algumas impressões pessoais, ao descrevê-lo como “[...] uma espécie de fuinha mui linda; tem o corpo branco, malhado e negro, e a cauda felpuda. Este animalzinho é muito notável pela arma singular e invencível com que se livra dos seus inimigos; logo que é acometido, solta um líquido tão fétido e enjoativo, que o seu agressor não cuida senão em fugir.”

Para Nascentes (2011), *cangambá* (e demais sinônimos: iritaca, jaguaritaca, jaritacaca, jaritataca, jaritacaca, maritacaca (Pernambuco), maritafede, maritataca, tacaca) é um mamífero da família Mustelidae (*Conepatus chilensis*).

Saruê está registrada em seis obras. Em quatro dicionários de língua portuguesa, Ferreira (2004), Houaiss (2012), Aulete (2016) e Morais Silva (1949), e nos dois dicionários etimológicos pesquisados, Cunha (1978; 2010) e Nascentes (2011). Em todos os autores consultados, identificou-se o mesmo sentido utilizado na amostra.

Segundo Houaiss (2012), *saruê* é o mesmo que gambá enquanto designação comum. Quanto à etimologia, destaca: “Staden registra esta palavra (sob a forma serwoy) num livro em alemão de 1557; f.hist. 1730 sarehue, 1817 sarôhê, 1853 sarohê, 1899 saruê”.

Já Ferreira (2004) e Aulete (2016) registram *saruê* genericamente, apenas como uma lexia de origem tupi e um animal do nordeste do Brasil, além de sinônimo de gambá.

Sariguê, assim como *saruê*, apresentou registro em quatro dicionários: Houaiss (2012), Ferreira (2004), Aulete (2016) e Morais Silva (1949). Está presente também nos dicionários etimológicos de Cunha (1978; 2010) e Nascentes (2011). O levantamento em dicionários para *sariguê* está demonstrado para as formas lexicais presentes na amostra.

Segundo Houaiss (2012), *sariguê* é o mesmo que gambá. Quanto ao étimo, descreve como lexia de origem tupi: “[...] *sari'gve*, também adaptado ao português *Saruê*”. Ferreira (2004), a respeito de *sariguê*, apenas faz remissão à gambá. Já Aulete (2016) acrescenta ser

um animal do nordeste brasileiro, descrevendo etimologicamente como sendo de origem tupi.

Morais Silva (1949) é o único autor a apresentar uma definição mais detalhada para *sariguê*, no que diz respeito à anatomia: “[...] do tamanho de cão, com cabeça de raposa, focinho agudo, dentes e barbas de gato, as mãos mais curtas que os pés; a fêmea tem na barriga hum bolso que lhe cobre as tetas, onde traz os filhos pequenos”.

Quanto à etimologia, Cunha (1978) registra *sariguê* como variante de ceriguê, cerigoé, çariguê, serigoé, sarige, çarigue (parigue) sarehué, sarôhê, sariguê. E ainda: do Tupi sari’üe, que significa “rapoza, outra que traz os filhos no bolso”. O autor o define, de maneira geral, como mamífero marsupial da família dos didelfídeos, ou como o mesmo que gambá. Traz, ainda, diversas descrições coletadas em livros históricos e literários, como na Carta de Anchieta, de 1560, ainda em latim: “quod indi *seriguéa* dicunt”.

Há uma descrição muito interessante, apontada por Cunha (*apud* HOUAISS, 2012), com registro de 1576, por Gândavo, relacionada, sobretudo, à bolsa marsupial com que o *sariguê* carrega os filhotes:

Outro gênero de animaes há na terra, a q chamão *cerigoés*, q sam pardos & quasi ...como rapozas: os quaes te hua abertura na barriga ao comprido de maneira q de cada banda lhes fica hu bolso, onde trazem os filhos metidos. E cada filho tem sua teta pegada na boca, da qual a boca nao tiram nunca até q se acabam de criar. Desses animaes se affirma q (não) concebem nem géram filhos dentro da barriga senam em aquelles bolsos, porque nunca de quantos se tomaram se achou algum prenhe. E além disso há outras conjecturas muy prováveis, por onde se tem por impossível parirê os taes filhos, como todos os outros animaes (segundo ordem de natureza) parem os seus³.

Casal, em 1817 (*apud* HOUAISS, 2012), na *Corografia Brasileira*, também o descreve em detalhes:

O *sarohê*, ou gambá, he do tamanho d’hum gato mediano com forma de rato, de aspecto feio, e cheiro desagradável, pernas curtas, pés, e orelhas de rato; pêllo comprido, raro, macio; cauda comprida, ofuzada, e sem pêllo; a cabeça e focinho de porco; boca grande com dentes de cão.

A respeito da bolsa marsupial e os cuidados com os filhotes enquanto ainda mamam, Casal (*apud* HOUAISS, 2012) considera que:

O que ha de mais razoável neste animal, he uma bolsa, ou segunda barriga por baixo da natural com uma boca para a parte de diante, dentro da qual, traz seus filhos athê elles chegarem á idade de saber procurar a vida. Dizem uns que este quadrupede géra, e pare os filhos, como outro qualquer, o que parece natural; e que depois de nascidos os mete naquele sacco, onde com effeito só podem mamar, não tendo a mãy têtas senão na barriga superior. Outros pretendem que os filhos se organizam pregados ás têtas, donde cahem para o sacco. O certo he que os filhos acham-se pregados ás têtas da mãy ainda pellados e muito pequenos.

³ Há, neste trecho, uma tentativa de manter a transcrição original, embora haja algumas adequações textuais, para facilitar a leitura. Para maiores detalhes, ver Cunha, citado por Houaiss (2012).

E ainda, sobre o aspecto relacionado à bebida, acrescenta que o *sariguê* “[...] He um destruidor dos galinheiros, e apaixonado por cachaça, com a qual se apanha facilmente bebado”.

Nascentes (2011) considera *sariguê* como uma variante presente no Estado da Bahia, e *saruê* uma variação registrada na Bahia e Sergipe. Embora não apresente registro para *sariguê*, descreve *sarigueia*, quanto ao étimo, como do tupi sóó-iguê, animal de saco (NASCENTES, 1955).

Das análises realizadas, percebe-se que *gambá* e *cangambá* não são animais da mesma espécie, uma vez que os dicionários apresentam para esses animais designações diferentes: enquanto *gambá* pertence à família dos marsupiais do gênero *Didelphis*, *cangambá* é um mamífero carnívoro da família dos mustelídeos. Embora Houaiss (2012) afirme que o *cangambá* seja, por vezes, confundido com o *gambá*, a análise comparativa entre os dicionários deixa claro que se trata de espécies distintas.

Já *sariguê* e *saruê* podem indicar variação no nível fonético, com características que configuram variação diatópica significativa, conforme pode ser observado na análise geossociolinguística a seguir.

3.2 UM OLHAR GEOSOCIOLINGUÍSTICO PARA *GAMBÁ*

Os dados analisados permitiram constatar que somente a variação diatópica mostrou-se relevante, tendo em vista que os fatores escolaridade, sexo e faixa etária pouco representados nos *corpora*, e não permitem maiores considerações. Vale lembrar que o *APFB* consiste num atlas monodimensional, e traz importantes contribuições do ponto de vista diatópico, mas apresenta limitações metodológicas quanto aos estudos dos fatores sociais.

Quanto à escolaridade, percebeu-se a inviabilidade em se comparar os dados, uma vez que os informantes do *APFB* são analfabetos ou semianalfabetos, e os do Projeto ALiB, para as localidades do interior, têm o nível fundamental I. Além disso, no que diz respeito à fauna, esse fator tem se mostrado pouco relevante.

No que se refere ao sexo, cabe registrar que os critérios de seleção para os informantes do *APFB* não incluem a disparidade de gênero. Em algumas localidades foram inquiridas, por exemplo, duas mulheres, ou até mesmo dois homens. Em outras, como nos pontos 44 a 49, os inquiridores entrevistaram apenas um informante. Para esta amostra tem-se, inclusive, um número maior de mulheres, em comparação aos homens. Para o Projeto ALiB, em contrapartida, objetivou-se selecioná-los aos pares, um de cada sexo, para que fosse possível a análise do fator diasssexual.

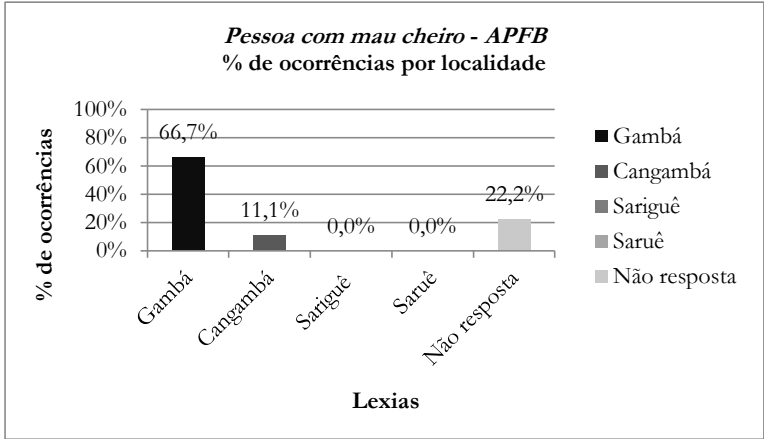
No que concerne ao fator idade, há também divergências metodológicas. No *APFB*, os informantes foram selecionados conforme a idade, variando de 25 a 80 anos, diferentemente do Projeto ALiB, que define duas faixas etárias distintas para agrupar esses indivíduos, de modo a permitir estudos em tempo aparente.

3.2.1 Variação diatópica

Gambá ocorreu em todas as localidades do Projeto ALiB, com 100% das respostas apuradas e, no *AFFB*, registra-se a lexia em seis pontos de inquérito, com 66,7% de ocorrências. *Cangambá* foi a lexia com menor registro entre os dados pesquisados, com realizações apenas entre os informantes do *APFB*, perfazendo 11,1% da amostra. Já *sariguê* e *saruê* ocorreram apenas no Projeto ALiB, com 33,3% de ocorrências. Identificam-se, ainda, 22,2% de não-respostas no *APFB*, e 33,3% no *corpus* do Projeto ALiB.

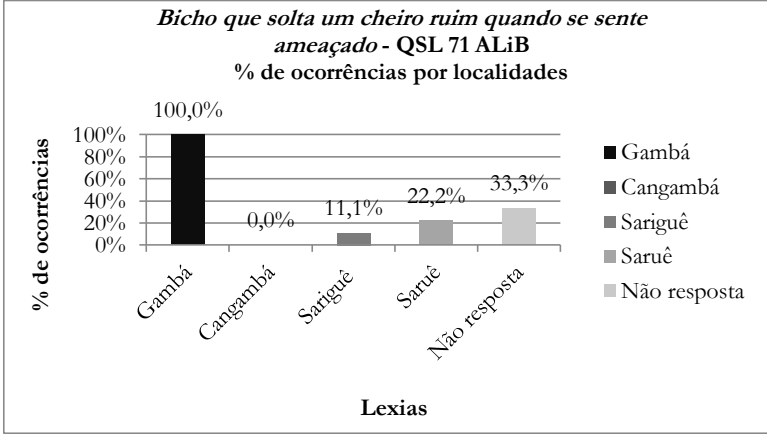
Nos gráficos 1 e 2, pode-se observar a distribuição das lexias no *APFB* e Projeto ALiB. Convém lembrar que as ocorrências foram documentadas a partir de perguntas diferentes.

Gráfico 1 – Percentual de ocorrências – *APFB*



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Gráfico 2 – Percentual de ocorrências - QSL 71 ALiB



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Quanto à distribuição por localidade, *gambá*, primeira entrada nos dicionários pesquisados, também foi maioria nos pontos de inquérito. Ocorreu em sete, dos nove pontos, no APFB, à exceção de Barra e Vitória da Conquista. No Projeto ALiB, houve ausências da lexia em três comunidades pesquisadas: Carinhanha, Jeremoabo e Santa Cruz Cabrália.

Cangambá, registrada nas obras lexicográficas/etimológicas estudadas como variante ou sinônimo de *gambá*, ocorreu apenas em uma localidade, e em um dos *corpora*, o APFB, mais especificamente em Jeremoabo, localizado no nordeste do Estado, tendo sido mencionado pelos dois informantes entrevistados.

Já *sariguê* e *saruê*, com ocorrências apenas no Projeto ALiB, tiveram registros em Jacobina, Caetitê e Santana. O quadro 2 descreve a distribuição geral das lexias por localidade, em ambos os *corpora*.

Quadro 2 – Distribuição das formas lexicais de acordo com as localidades

Formas lexicais	Barra	Caetitê	Carinhanha	Itaberaba	Jacobina	Jeremoabo	Santana	Sta. Cruz Cabrália	V. da Conquista
Cangambá						X			
Gambá	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Sariguê					X				
Saruê		X					X		

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Neste panorama, tem-se uma visão geral das ocorrências, por localidade, de modo a incluir *gambá* em 100% dos pontos pesquisados, mas em uma perspectiva atemporal, uma vez que há um intervalo de pelo menos 50 anos entre os materiais consultados.

Gambá, única lexia comum aos *corpora*, indica uma forma que coexiste em todas as comunidades pesquisadas, demonstrando, do ponto de vista diatópico, pouca variação, além de uma unidade lexical que se manteve no decorrer do tempo.

Cangambá, presente apenas no APFB, e as formas *saruê* e *sariguê*, que, embora estejam registradas nos dicionários pesquisados como variantes de *gambá*, não foram mencionadas no APFB e tiveram pouca frequência nos dados do ALiB, entre os informantes da amostra.

3.2.1 A variável social faixa etária

O fator social idade, conforme mencionado anteriormente, não pode ser utilizado para fins comparativos entre os *corpora*, uma vez que ambos se distinguem quanto à metodologia. Tampouco permitem quaisquer conclusões acerca do perfil etário dos informantes do APFB, por conta do seu caráter monodimensional.

Na tabela 3 pode-se observar a distribuição dos informantes do APFB, com idades variando de 30 a 80 anos (agrupadas por décadas, apenas para melhor visualização), de acordo com as ocorrências das lexias e dos pontos de inquérito desta amostra.

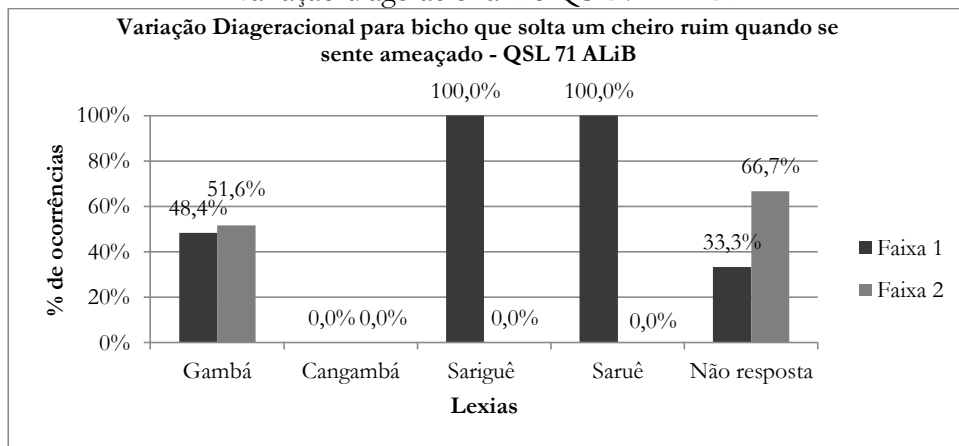
Tabela 3 – Distribuição dos informantes do *APFB* por idade.

APFB	30 – 39 anos	40 – 49 anos	50 – 59 anos	60 – 69 anos	70 – 80 anos	Total
Gambá	0	2	3	3	2	10
Cangambá	1	0	1	0	0	2
Sariguê	0	0	0	0	0	0
Saruê	0	0	0	0	0	0
Não-resposta	1	0	2	0	1	4

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Nos dados do Projeto ALiB, a forma *gambá* se mostrou mais frequente em ambas as faixas etárias: 48,4% na faixa 1 e 51,6% na faixa 2, o que demonstra uma diferença muito pequena entre as ocorrências, na perspectiva diageracional. *Saruê*, e *sariguê* foram registradas por informantes da faixa etária mais jovem, mas em duas localidades distintas, somando três ocorrências, apenas. As não-respostas concentram-se na faixa 2, com 66,7% dos registros, contra 33,3% para a faixa 1.

Gráfico 3 – *Bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado*, do ponto de vista da variação diageracional no QSL 71 - ALiB



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

3.2.2 A variável social sexo

Os informantes do sexo feminino, no *APFB*, são maioria para esta amostra: foram entrevistadas 11 mulheres e apenas 5 homens. Dessa forma, os dados aqui apresentados não têm condições de discutir de forma homogênea os aspectos referentes à variação diasssexual, e se propõem a dar um panorama geral a partir dos materiais consultados.

A forma *gambá* registrou 10 ocorrências. Dessas, sete foram mencionadas por falantes do sexo feminino, e três, por falantes do sexo masculino. *Cangambá* foi

mencionado por um homem e uma mulher. Já as não-respostas se somam quatro, conforme pode ser observado na tabela 3.

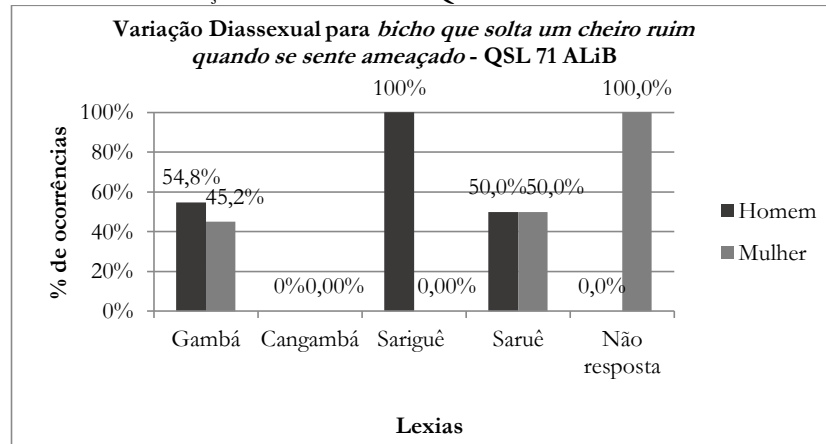
Tabela 4 – Pessoa com mau cheiro – homens e mulheres no APFB

APFB	Homens	Mulheres	Total
Gambá	3	7	10
Cangambá	1	1	2
Sariguê	0	0	0
Saruê	0	0	0
Não-resposta	1	3	4
Total - informantes	5	11	16

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Nos dados do Projeto ALiB, quanto ao sexo, tanto homens como mulheres apresentaram *gambá* como a maioria das respostas, tendo-se registrado ainda uma ocorrência de *saruê* entre as mulheres, e uma para *sariguê* entre os homens.

Gráfico 4 – Bicho que solta um cheiro ruim quando se sente ameaçado, do ponto de vista da variação diassexual no QSL 71 ALiB.



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Assim como demonstrado para a faixa etária, *gambá* é a forma equivalente entre os informantes de ambos os sexos, com 54,8%, para os homens, e 45,2% para as mulheres. *Sariguê* e *saruê*, por sua vez, apresentam uma discrepância: enquanto os homens apresentam 100% de ocorrência, as mulheres registraram apenas 50%.

Essa diferença se deve à segunda resposta apresentada pelo informante de Santana, da faixa etária 1, jovem, que inclusive apresenta a distinção entre os animais. Pode-se observar, na transcrição dos dados do informante masculino, que, *gambá* e *saruê*, para ele, se tratam de forma distintiva, indicando a possibilidade de espécies diferentes, conforme transcrição.

Inquérito: Santana-Bahia, informante masculino, faixa etária 1:

INF. – *Gambá* [γ□]∪βα].

INQ. – Tem outro jeito de chamar ele aqui?

INF. – *Saruê*.

INQ. – É o mesmo?

INF. – É não, é ôto.

INQ. – *Gambá* é um e *saruê* é outro. Todos dois soltam esse cheiro. E qual é a diferença do *gambá* para o *saruê*?

INF. – Porque o *saruê* solta o chero é na pele e o *gambá* é peidano. ((risos)).

Ainda a respeito de *saruê*, registrou-se, na fala da informante feminina, jovem, de Caetitê, a descrição do animal:

Inquérito: Caetitê-Bahia, informante feminino, faixa etária 1:

INF. – *Saruê*

INQ. – Como?

INF. – *Saruê* [σ□Pυ∪ε].

INQ. – Tem outro nome? Como é o *saruê*?

INF. – É um bichinho parecendo um rato, né não? às vez aquele ratão grande...

INQ. – E tem cheiro ruim?

INF. – Dizem que tem, num sei.

INQ. – Você não conhece outro bicho, que tenha cheiro ruim?...

Quanto a *sariguê*, tem-se um exemplo de ocorrência em Jacobina, por um informante masculino, jovem, da faixa etária 1:

Inquérito: Jacobina-Ba, informante masculino, faixa etária 1:

INF. – *Sariguê* [σ□Pt∪γε].

INQ. – Aqui dá muito?

INF. – tem muito.

INQ. – Diz que come galinha, né?

INF. – Come galinha, pinto...

Trechos como esses, que ilustram as realizações das variantes em estudo, em seus contextos de uso, são muito enriquecedores, sobretudo do ponto de vista diatópico, pois comprovam a existência das formas lexicais no universo dos falantes. No entanto, há que se reconhecer que os dados aqui delineados não dão conta, por si só, de toda a produtividade lexical de uma comunidade, tampouco são capazes de determinar a existência de uma forma em detrimento de outra, ainda que se tenha o registro de *cangambá*, apenas no APFB, na década de sessenta, *sariguê* e *saurê*, nos dados mais recentes do Projeto ALiB, nos anos 2000, ou ainda, a coexistência de *gambá*, em ambos os corpora, em espaços diferentes de tempo. Os resultados encontrados permitem, mais do que respostas, a necessidade do aprofundamento de investigações e análises, sobretudo no que diz respeito aos fatores sociais, que podem fornecer outros olhares, outras direções e novos caminhos.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Através das análises, pode-se constatar a existência de quatro formas lexicais para a fauna na Bahia nos dados pesquisados. Do ponto de vista geossociolinguístico, verifica-se, sob a égide da variação diatópica, que há, na fauna baiana, variação linguística, uma vez que as nove localidades apresentaram lexias diversas para nomear *gambá*.

Quanto à variação diastrática, devido à metodologia da Geolinguística, que prioriza a diatopia, não se pode concluir se nos *corpora* pesquisados há, de fato, alguma mudança em curso para as formas *gambá*, com ocorrência no APFB e no Projeto ALiB, e *cangambá*, tendo sido registrada apenas no APFB, pois, neste estudo, tem-se apenas um recorte realizado com base em um número limitado de informantes, o que nos impossibilita maiores considerações.

As formas *saruê* e *sariguê*, embora estejam registradas nos dicionários pesquisados como variantes de *gambá*, não foram mencionadas por informantes do APFB, o que pode nos direcionar para indícios de modificação linguística.

Por fim, acredita-se que, para o Projeto ALiB, em particular, a análise de dados e a publicação de resultados inéditos, no que diz respeito à fauna na Bahia, como se tentou esboçar aqui, pode contribuir para uma descrição sincrônica da língua. Por outro lado, do confronto desses dados com o APFB, que traz informações do século passado, se constituindo em um importante material de registro, pode-se ter a comparação dos fatores tanto intralinguísticos como extralinguísticos, bem como uma tentativa de descrição do português brasileiro.

REFERÊNCIAS

AULETE, F. J. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 5 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970. Disponível em: < <http://www.auletedigital.com.br>>.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/002994-01>>. Acesso em: abr. 2016.

CARDOSO, Suzana Alice. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino e outros. *Atlas Linguístico do Brasil: volume I. Introdução*. Londrina: UEL, 2014a.

_____. *Atlas Linguístico do Brasil: volume II. Cartas linguísticas I*. UEL, 2014b.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Ed. Nacional, 1939. <<http://bdor.sibi.ufrj.br/handle/doc/251>>. Acesso em: 17 de mai 2020.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (BRASIL). *Atlas Linguístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Ed. UEL, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

_____. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro, 2010.

DICIONÁRIO Ilustrado de Tupi Guarani. *Bichos*. Disponível em: <<http://www.dicionariotupiguarani.com.br/section/fauna/>>. Acesso em: jun. 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário eletrônico Aurélio* versão 5.0. Positivo Informática, 2004.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://www.houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: mai 2020.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

_____. *Dicionário de sinônimos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

ROSSI, Nelson. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro: 1963.

SILVA, Antonio Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.